

Aumento do salário mínimo reduziu desigualdade

(Não Assinado)

A desigualdade entre ricos e pobres diminuiu e o brasileiro está com um trabalho melhor, botando mais dinheiro no bolso e comprando mais computadores. É o que mostra um dos mais completos retratos do Brasil, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada ontem pelo IBGE. As tendências já vêm de outros anos, mas o que surpreende na Pnad referente a 2006 é o conjunto dos dados. Os principais indicadores apresentaram avanços e alguns dos resultados mais significativos vieram de itens fundamentais para o país, como trabalho e renda.

A desigualdade continua caindo. A redução foi pequena, mas mostra consistência na lenta melhora das diferenças de renda da população. O índice de Gini (indicador internacional de desigualdade que vai de 0 a 1) vem caindo desde 1993 e em 2006 recuou mais 0,003 para 0,541. O Brasil menos desigual em 2006 foi influenciado pelo aumento de 13,3% no salário mínimo. A renda média real da população teve a maior recuperação desde 1995 (7,2%) e beneficiou principalmente a metade da população com rendimentos menores.

A renda do trabalhador cresceu pelo segundo ano seguido em 2006, mas, para a média do país, ainda não foi possível recuperar o poder de compra de 1996, época em que o país ainda vivia o auge dos efeitos do Plano Real. As perdas de 2006 em relação a 1996 foram de 8,9%. Dados da Pnad mostram que a renda média do trabalho avançou 7,2% no ano passado, o maior ritmo de expansão desde 1995. O valor da renda média do país no ano passado chegou a R\$888, patamar idêntico ao de 1999.

Na prática, os 50% mais pobres foram mais beneficiados e recuperaram o poder de compra de 1996. O valor do rendimento médio dessa parcela da população, no entanto, era de R\$293, abaixo do salário mínimo do ano passado, de R\$350. Em 2006, o rendimento médio cresceu 8,52%. Já os 50% mais ricos da população, com renda média de R\$1.482, ainda não voltaram ao patamar de 2001, quando ganhavam em média R\$1.495. “O Brasil viveu uma fase de estagnação trabalhista, em todos os sentidos, de renda e emprego, que começa a ser superada. A queda da renda expôs a pior face dessa crise. Quando se olha o retrato do Brasil, a figura ainda é muito ruim, mas quando se observa a trajetória, verifica-se que houve avanço”, afirma Marcelo Neri, economista da Fundação Getulio Vargas (FGV). No governo Lula, a renda cresceu a um ritmo de 1,1% ao ano. Segundo o IBGE, o reajuste de 13,3% do salário mínimo no ano passado foi determinante para o crescimento da renda.